

instituto de arte contemporânea

Iole de Freitas/
Ontogênese e filogênese
Paulo Sérgio Duarte

A foto retém em séries os aspectos perdidos daquilo que foi o instrumento número um; antes mesmo de qualquer machado, de qualquer pedra, o corpo estava lá, mantendo sempre o seu papel de representação de nossa própria imagem para servir no caminho difícil que leva à chamada **civilização técnica**.

Mas a primeira técnica, dominada, foi a do corpo. Nele, talvez, possamos encontrar o único ponto de coincidência entre a ontogênese e a filogênese. Talvez. O corpo permaneceria o receptáculo e o suporte, ponto de interseção originário entre o sujeito e sua cultura. Através de sua imagem ele estabelece seus primeiros contatos, a ilusão do indivíduo nascendo no momento em que ele reconstitui a imagem de seu corpo e a do outro. Através dele o sujeito se estrutura, com a imagem como seu representante.

Metáforas à parte — elas inexistem nos primeiros contatos. A imagem é imagem mesmo. Visão culturalizada da imagem fornecida pela natureza. Visão já transformada. Imagem reconstruída — representada. Imagem e técnica. Corpo fragmentado. Recalque. Iole de Freitas à procura. Na dança, espetáculo diante da objetiva, ela procura a imagem perdida, impossível, daquilo que já foi. Pés, unhas, cores, vermelho e amarelo. Vinte e sete anos de idade. 27 years old. Aspecto simbólico de um momento. Registro. Mas, sempre, apenas um aspecto, um pedaço. Separado, imagem no papel, foto ativa onde corpo e emulsão desempenham papéis numa articulação complexa.

Imagem subversiva que serve de modelo ao que um dia caiu na armadilha da câmera.

Imagem caçada pelo olho-cérebro soberano nesses cantos esquecidos de uma só totalidade. Duplicada, reduplicada, cópia materializada por um trabalho tríplice. A máquina, o corpo, o olhar. Restos. Um dia iluminado, fixado num instante cronologicamente marcado. Idade, ou restos de idade, fotografada em papel.

Corpo, imagem, viagem. Corpo de mulher. Ponte natureza-cultura. Bem supremo. Trabalho e natureza, mulher. Iole de Freitas sempre trabalha o corpo e a imagem. Cores inventadas sem receitas nem literaturas chatas pseudoquímicas. Construção de hoje para o que ninguém faz mais.

Felizmente, as fotos não são sonorizadas. Elas estão aí, sem blá-blá-blá. Fichas preenchidas longe dos arquivos. Embora produtos de uma relação solitária, elas atestam uma experiência. Transmitem os destroços de um narcisismo que um dia nos fez descobrir a nós mesmos. Imagens fragmentos do modelo ausente. O corpo se dando em partes. Zonas e sentidos. Funções. Fotos análises. Detalhes de um quadro que existe apenas como imagem para o outro e em relação ao outro no espaço reservado à representação. Elas descem em séries, braços levantados, mãos trabalhando em direção à camera, cabeça, seios, pernas, pés, o corpo em verde-natureza-iole. Série mergulhada naquilo que nos é dado ver.